

JACOB BARADEUS E UM OUTRO OLHAR SOBRE A RELIGIOSIDADE CRISTÃ NO INÍCIO DA IDADE MÉDIA ORIENTAL

Lucas Gesta Palmares Munhoz de Paiva¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar um olhar histórico distinto da religiosidade cristã medieval ocidental, baseando-se em pensá-la fora do continente europeu, a partir do oriente cristão asiático. Faremos isso através da figura de Jacob Baradeus (Yaquub al-Barada'i, 505-578), bispo sírio, originário da cidade de Tella, filho de sacerdote cristão, que seguia uma doutrina cristológica marcadamente não-calcedoniana. Ele foi responsável por expandir grandemente o cristianismo monofisita em boa parte do Oriente Próximo, ainda que perseguido pela igreja oficial do Império Romano oriental. Seu legado foi o estabelecimento de uma rede de igrejas paralelas, com doutrinas, hierarquia, ritos e costumes próprios, sobrevivendo às perseguições através dos séculos e se expandindo por todos os continentes.

Palavras-chave: Oriente Cristão; Monofisismo; Jacob Baradeus; Concílios Ecumênicos; Igrejas Jacobitas

JACOB BARADEUS AND ANOTHER LOOK AT CHRISTIAN RELIGIOUSNESS AT THE BEGINNING OF MIDDLE AGES IN THE EAST

Abstract: This article aims to present a historical look distinct from western medieval Christian religiosity, based on thinking outside the European continent, from the East Asian Christian. We will do this through the figure of Jacob Baradeus (Yaquub al-Barada'i, 505-578), a Syrian bishop from the city of Tella, the son of a Christian priest, who followed a strongly non-Chalcedonian Christological doctrine. He was responsible for greatly expanding Monophysite Christianity in much of the Near East, though persecuted by the official church of the Eastern Roman Empire. His legacy was the establishment of a network of parallel churches, with doctrines, hierarchy, rites and customs of their own, surviving persecutions through the centuries and expanding across continents.

Keywords: Eastern Christian; Monophysitism; Jacob Baradeus; Ecumenical Councils; Jacobite Churches

Introdução

Este artigo tem o objetivo de apresentar um olhar histórico distinto da religiosidade cristã medieval durante o início da Idade Média, mais especificamente no século VI. Esse outro olhar baseia-se em pensar a religiosidade e a civilização cristã fora do continente europeu, longe daquela sociedade romana que se desintegrava e da sociedade feudal que aos poucos se formava, mas ainda assim tendo no cristianismo a sua base (CORTAZÁR; MUÑOZ, 2014, p. 26). Ao invés de lidarmos com um continente experimentando o gradativo desaparecimento das instituições imperiais romanas, substituídas ou em fusão com as instituições de povos invasores (LE GOFF, 2016, p. 18),

¹ Mestre em História Social (UNIRIO). Membro do NECO - Núcleo de Estudos de Cristianismos no Oriente - do GT ANPUH-RJ de História das Religiões. Professor na área de História do Cristianismo e do Pensamento Cristão na FAECAD (Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia). E-mail: contato@lucasgesta.com.br

iremos trabalhar uma época e região que o império romano subsistia rico, alcançando ainda glórias e firmado em suas instituições antigas, com base em Constantinopla e domínio sobre territórios na África e Oriente Próximo.

Para tanto, iremos analisar a figura do monge Jacob Baradeus (latinização do nome siríaco Yaqub al-Barada'i). Nascido na Síria oriental, no ano 500, na cidade de Tella, próxima a Edessa, fronteira com a Pérsia, era um filho de sacerdote cristão siríaco. Logo cedo dedicou-se à vida monástica ingressando no mosteiro de Phesilta, próximo à Nísibis (MOFFET, 1998, p. 245), o qual ensinava uma doutrina cristológica distinta da doutrina oficial conciliar romana. Baradeus vivia em uma época de grandes conflitos doutrinário-teológicos entre as diversas formas de cristianismos que haviam no Oriente cristão². Sua vida e legado refletem um outro lado do cristianismo, no início da Idade Média, porém no oriente: a sobrevivência de formas cristãs muito antigas, ligadas às primeiras expansões missionárias cristãs, porém ressignificadas através do diálogo com os povos do Oriente Próximo, mas sem, à época, correr o risco de desaparecer; ao contrário, mostrando pungência e brilhantismo intelectual.

Conflitos políticos e teológicos no império romano oriental

Diferentemente do Ocidente – que lutava por sobreviver às invasões de povos oriundos de diversas partes do mundo não helênico -, o Império Romano oriental, com sede em Constantinopla, lutava por equilibrar as diferentes ênfases teológicas entre as distintas tradições cristãs que existiam em seu interior, desde o século II. O perigo maior não eram as forças invasoras, mas sim as forças centrífugas entre os próprios habitantes do Império que lutavam entre si, às vezes violentamente, pelo triunfo de suas doutrinas teológicas.

Isto acontecia no lado oriental do Império Romano desde que Constantino Magno passou a financiar e aparelhar ao Estado o cristianismo e muitos de seus bispos, no século IV. Constantino criou uma política de intervenção doutrinária que exponenciou a divisão entre os cristianismos que haviam dentro do Império (KÖTTING, 2012, p. 99). Esta política se dava através dos chamados Concílios Ecumênicos, os quais reuniam centenas

² Por “oriente cristão” entende-se uma macrorregião geográfica, mas que também é um horizonte cultural, com certas matrizes comuns, que vai do Cáucaso e das terras da antiga Rússia, a norte, até a Etiópia e Kerala, a sul, e das margens do Mar Mediterrâneo, a oeste, até ao mar da China, a leste. Ou seja, aí está incluída não apenas a Ásia, mas também parte da África e da Europa - como a área de influência dos ortodoxos bizantinos que atinge Balcãs, Grécia e Rússia, porém sob a cultura cristã capadócia.

de bispos de diferentes partes do Império e fora dele, para chegarem a uma unificação doutrinária sobre temas como a doutrina da Trindade ou Cristologia, por exemplo (PERRONE, 1995, p. 16-17). No entanto, o que esses concílios acabavam gerando era o rompimento de diversos segmentos cristãos – os quais eram condenados como heréticos - fazendo os mesmos serem perseguidos ou lutarem politicamente para recuperarem o status de ortodoxos.

Esta situação se agravou no final do século IV quando Teodósio, o primeiro imperador romano nascido cristão e teólogo, estabeleceu o cristianismo como religião oficial do Estado romano, em 380; no entanto, ele estabelecera como oficial não o cristianismo, genericamente, mas o cristianismo que seguia o credo dos concílios ecumênicos, naquele caso, o niceno. Após isso, estabeleceu a cidade de Constantinopla como uma sede patriarcal, além de torná-la a mais importante dentre todos os patriarcados. Isto fez com que os patriarcados a época mais importantes, o de Antioquia e o de Alexandria, disputassem a cátedra de Constantinopla para tentar impor sobre todo Império suas visões teológicas. Cerca de cinquenta anos depois, no Concílio de Éfeso (431), a sede Patriarcal de Antioquia sofreu com as resoluções daquele concílio levando a um severo racha, no qual, uma boa parte dos cristãos antioquenos passaram a adotar outra visão cristológica, condenar o cristianismo imperial e se organizar desligados da unidade imperial.

A questão teológica a qual desencadeava a maior parte dos conflitos girava em torno da natureza de Jesus Cristo. Sendo ele, de acordo com a teologia niceno-constantinoplana, pleno Deus e pleno homem, como a natureza divina coexistia com a natureza humana? Os antioquenos respondiam tal questão entendendo o Jesus Cristo histórico como “templo” do Logos divino (uma das pessoas da Trindade), vendo em Jesus uma unidade, porém com duas naturezas distintas, a “divina” e “humana”, de forma a não se confundirem ou misturarem, dando margem à interpretação que nele também coexistiam duas pessoas, o Jesus humano, com alma racional, e o Logos (PELIKAN, 2015, p. 63-64). É por isso que eles foram taxados de *diofisitas* (“duas naturezas”) por seus rivais alexandrinos, e condenados por eles como hereges.

No outro lado estavam os teólogos alexandrinos, os quais pregavam que Jesus era apenas um após a encarnação, sendo a natureza do Logos tão poderosa que absorvera a alma humana, criando no Jesus histórico uma natureza única (PELIKAN, 2015, p. 73). A “única natureza” de Cristo, era expressa de acordo com o termo “um *de* duas naturezas” após a encarnação, e não “um *em* duas naturezas” como Calcedônia afirmou. Como

pregava Cirilo de Alexandria, em Cristo, havia apenas uma natureza encarnada (PELIKAN, 2014, p. 268). Daí serem taxados de *monofisitas* (“uma natureza”) pelos seus rivais antioquenos.

Este problema desencadeou o quarto concílio ecumênico, o de Calcedônia, em 451, que tentou equilibrar as visões teológicas entre antioquenos e alexandrinos e integrá-los a um plano de unidade doutrinária imperial, mais uma vez. O resultado deste concílio foi pior, pois, na tentativa de usar fórmulas teológicas de ambos os lados, antioquenos e alexandrinos entenderam que o Credo de Calcedônia favoreceria ou cederia às doutrinas de seus rivais. Logo, a partir deste concílio, outro bloco gigantesco de tradição cristã foi desligado da unidade imperial, os alexandrinos, que nesta época contavam com teólogos, monges, sacerdotes e igrejas, não apenas no norte da África, mas também na Síria e Capadócia.

Assim, teologia e política estavam intrinsicamente conectadas, de forma que os imperadores interferiam ativamente nessas questões, prendendo, exilando e sufocando todas as opiniões contrárias à doutrina cristã oficial do Império Romano – a ortodoxia calcedoniana. No entanto, a questão monofisita não estava resolvida, pois boa parte dos cidadãos do império bizantino criam nessa doutrina, e estavam pressionando o governo a rever suas posições, inclusive personagens políticos importantes.

Jacob Baradeus: conflitos entre sua fé e a política imperial

Durante o século VI, após a elevação de Justino ao posto de imperador, uma grande perseguição aos monofisitas³ foi suscitada, pois este era grande defensor da doutrina calcedoniana. Justiniano (482-565), sobrinho de Justino, o sucedeu ao trono de Constantinopla em 527 continuando a política de homogeneização da doutrina calcedoniana (JENKINS, 2013, p. 278). Justiniano não governou sozinho, pois sua esposa, Teodora (500-548), foi coroada co-imperatriz e exercia grande influência em seu reinado, muitas vezes rivalizando com o imperador (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 305). Justiniano era defensor de Calcedônia, porém, sua esposa foi uma árdua protetora e auxiliadora das proposições não-calcedonianas monofisitas. O patriarca de Alexandria,

³ Utilizaremos o termo *monofisita* ou *monofisismo* pois se refere mais fielmente aos debates teológicos da época. Porém, as igrejas pré-calcedonianas atualmente se intitulam *miafisitas*, afirmando que Jesus não tem apenas uma natureza, mas sim que ele é um de duas naturezas.

Teodósio, que seguia as proposições monofisitas alexandrinas, foi deposto pelo imperador, o qual colocou um patriarca calcedoniano em seu lugar.

Teodora, que fora consagrada “augusta” junto com Justiniano, tinha tamanho poder político que formou uma resistência monofisita em plena capital do Império. Ela ofereceu abrigo a Teodósio em um de seus palácios em Constantinopla, o qual se tornou em um mosteiro e uma espécie de refúgio a todos aqueles que defendiam a doutrina da “natureza única” de Cristo (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 309). De lá, Teodósio ordenou bispos para viajarem à Síria, Núbia e diversas regiões do Oriente a fim de difundir sua fé. Um dos bispos consagrados era o monge Jacob Baradeus, que já conhecera a fé monofisita ainda na Síria.

No ano de 527, quando Teodora subiu ao trono com Justiniano, Baradeus, juntamente com seu irmão de mosteiro Sérgio, viajaram à Constantinopla para advogar junto a Teodora em favor de vários sacerdotes monofisitas presos ou exilados no Oriente (JENKINS, 2013, p. 282). Ambos foram recebidos com honras pela imperatriz, a qual ofereceu luxuosa acomodação aos dois, ainda que Jacob tenha recusado, por conta de suas inclinações ascéticas (MOFFET, 1998, p. 245). Ali, consolidou-se uma grande amizade e relacionamento entre Baradeus, Teodora e o patriarca exilado Teodósio. Assim, por volta de 542, o rei árabe al Harith ibn Jabadah, de Gassanid – o qual servira o império como governador militar das províncias do leste da Síria – mandou embaixadores à Teodora, solicitando dois metropolitas para seu reino. Teodora e Teodósio escolheram Jacob Baradeus, o qual foi consagrado bispo de Edessa, e Teodoro, o qual foi feito bispo de Bostra (MOFFET, 1998, p. 245).

A partir de então, Jacob iniciou um dos maiores movimentos religiosos da história do cristianismo. Durante trinta e cinco anos, Baradeus pregou a fé monofisita criando uma nova etapa para as igrejas siríacas. Onde elas estavam diminuindo por conta da perseguição oficial do imperador, ele as revitalizou. Nos locais onde não haviam cristãos siríacos monofisitas, ele evangelizou construindo novas igrejas e mosteiros. Jacob viajou de Constantinopla à Pérsia pregando a doutrina da “única natureza” de Cristo, fundando novas igrejas clandestinas e ordenando sacerdotes para regê-las (JENKINS, 2008, p. 58). Como fruto do seu trabalho, de acordo com os cronistas monofisitas⁴ ele ordenou dois patriarcas, vinte e sete bispos e cerca de cem mil clérigos (MOFFET, 1998, p. 246).

⁴ As principais fontes medievais para o estudo de sua vida são os livros **Vita Baradaea** (“Vida de Baradeus”) e **Vida Apócrifa de Jacob** escritas pelo historiador monofisita João de Éfeso (505-585) em suas biografias dos Santos Orientais. João foi consagrado bispo pelas mãos do próprio Baradeus, portanto,

Ele fez questão de endossar a separação definitiva entre os rumos de sua fé e a igreja imperial através da criação de uma hierarquia separada, uma nova igreja, mais tarde apelidada de “Jacobita” pelos seus detratores - por conta da grande influência de Baradeus (BERG, 2007, p. 252). Isto se firmou em 544, quando Baradeus ordenou um novo patriarca em Antioquia, de acordo com a sua fé, mesmo havendo um patriarca estabelecido pelo império romano (JENKINS, 2013, p. 282). Outro fator interessante é que os “jacobitas” não contestavam a hierarquia territorial das igrejas calcedonianas, mas construía suas próprias casas de culto e formavam suas comunidades (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 313). Outra característica era o pequeno número de bispos em relação aos clérigos que lhes dava a imagem de serem menos hierárquicos e mais próximos do povo (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 313). E realmente, em muitas cidades romanas, apesar da fé oficial e das principais catedrais serem calcedonianas, a maior parte da população era siríaca monofisita.

Jacob foi severamente perseguido por conta de sua doutrina e do sucesso de seu evangelismo. Justiniano havia dado ordens para que fosse preso, mas, sem saber, seu ascetismo conservou-o invisível diante do aparato de perseguição romana. Isto porque, em primeiro lugar, ele recusava-se a se vestir com as dignidades de um bispo: andou durante quase quatro décadas com a mesma roupa, de onde lhe veio o apelido “Baradeus”, que em siríaco significa “manto roto” (MOFFET, 1998, p. 245). De fato, sua roupa estragada e remendada o permitia constantemente se disfarçar como mendigo diante dos soldados. Além disso, ele percorria cerca de 50 quilômetros por dia, pregando o evangelho a pé, nas cidades e vilas, sem utilizar cavalos ou jumentos, pois achava isto um pecado de luxúria para um missionário (MOFFET, 1998, p. 245). Assim, “invisível”, Jacob sobreviveu não só à perseguição de Justiniano, o qual morreu em 565, mas também de Justino, sobrinho do imperador que o perseguiu durante uma década, mas sem êxito.

Jacob Baradeus deixou um grande legado após sua morte, no monastério de Romanus, em 30 de julho de 578. A grande expansão de sua igreja se deu durante a Idade Média. Por volta do ano 600, encontravam-se igrejas “jacobitas” desde o mar Egeu até a Armênia, além da fronteira do território persa (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 313). Mais tarde, o cristianismo “jacobita” chegou à Índia, sendo uma grande tradição cristã local na região até os nossos dias (BERG, 2007, p. 249). Em toda a Síria e Mesopotâmia centenas

sendo seu contemporâneo e a fonte mais próxima dos relatos históricos do mesmo. Preferimos, porém, não utilizar diretamente a fonte, mas dialogar com os historiadores que trabalharam ela.

de igrejas foram plantadas, sendo que nessas regiões, o número de jacobitas era bem superior ao número de calcedonianos, que aliás era a Igreja oficial de Constantinopla e, assim, do Império. Fora do Império, o fato de serem perseguidos pelos romanos, ajudou-os a se estabelecerem em paz entre os inimigos políticos do imperador bizantino.

Um fator que os ajudou a sobreviver foi a grande rede de mosteiros construídas, revitalizando a fé, consagrando sacerdotes e produzindo um gigantesco volume de escritos teológicos, expressões próprias de devoção, santos e mártires e uma própria tradição literária cristã, toda na língua siríaca. O mais importante mosteiro foi o de Keneshre, localizado às margens do Rio Tigre, na Mesopotâmia. Conhecido como “ninho da águia” pela sua posição protegida, se tornou um centro de teologia monofisita, de filosofia, medicina e um refúgio para os perseguidos (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 314). Ali os monges desenvolveram não só características teológicas próprias dos jacobitas, mas também litúrgicas e de costumes como a tonsura em formato de cruz e fazer o sinal da cruz com apenas um dedo, em referência à doutrina da única natureza (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 314).

O próprio Jacob Baradeus se tornou, mais tarde, um santo da igreja siríaca (SYNEK, 2007, p. 448). Na sua hagiografia, conta-se que curou enfermos, ressuscitou mortos, livrou cidades de destruição iminente pela sua intercessão, orou e o sol parou, além de conhecidamente praticar a glossolalia e outros dons místicos. Para além da mitologia expressa em sua hagiografia, podemos observar através dela características importantes da devoção siríaca como a continuidade mística com os dons espirituais neotestamentários, características desprezadas pela medievalidade ocidental.

Até o fim das Cruzadas, por volta de 1280, o patriarca “jacobita” supervisionava vinte metropolitas e cerca de cem bispos, desde Anatólia e a Síria até a baixa Mesopotâmia e Pérsia. Essa era uma quantidade maior, por exemplo, do que o número de Igrejas na Inglaterra que contavam com apenas dois metropolitas e vinte e cinco bispos na mesma época (JENKINS, 2004, p.42).

Os sírios monofisitas superaram diversas perseguições através dos séculos, não só a do Império Romano, mas também a ascensão do Islã, as invasões dos cruzados, já seis séculos a frente e a conquista dos mongóis à Pérsia e Mesopotâmia. A prova de seu sucesso é que encontramos até hoje centenas de milhares de cristãos dessa confissão cristã. Atualmente, esta denominação cristã se chama Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia, presente não só nas suas regiões de origem, mas na Europa, Oceania e Américas.

Conclusão

A história de Jacob Baradeus nos abre diversas possibilidades novas de estudos em relação ao cristianismo no início da Idade Média. Diferentemente da Europa, neste caso não temos uma Igreja Católica, muito menos um papado ou as relações de poder entre pequenos reinos bárbaros e uma igreja romana buscando lugar. Aqui, o cerne do debate não é a eclesiologia, mas a cristologia. Neste oriente cristão, os grupos dissidentes da visão “oficial” não podem ser chamados simplesmente de heréticos. Isto porque, eles são mais antigos do que o próprio cristianismo imperial.

Não temos pregadores dissidentes, mas grandes líderes que estabelecem igrejas, mosteiros, produzem teologia, traduções bíblicas e de livros antigos em uma quantidade vastíssima. Esses líderes são aclamados como mestres não pela sistematização de sua teologia, mas sim pelos seus dons místicos, aproximando-se do que se lê nos relatos neotestamentários. Não se busca uma hierarquia eclesiológica rígida, mas vê-se uma horizontalidade na liderança, uma abertura maior de participação popular dentro da estrutura eclesiástica, além de uma irrelevância de critérios de “sangue” ou nascimento para participar.

Jacob Baradeus pode ser considerado um reformador, ao mesmo tempo que um novo “apóstolo”, fazendo multiplicar uma igreja com raízes culturais e identitárias mais antigas que a imperial, porém atualizada com os novos debates teológicos e vicissitudes de seu tempo. O debate dos cristãos orientais não segue os paradigmas ocidentais de pensamento, mas são mais antigos e independentes dos ocidentais, pensando a teologia a partir dos paradigmas asiáticos e africanos, dialogando com esse mundo e seus autores.

A despeito das perseguições dos zoroastristas, mulçumanos, dos mongóis e dos próprios cristãos ocidentais, as Igrejas cristãs do Oriente, como a Sirian Ortodoxa, continuaram firmes em seu propósito de evangelização e doutrinação dos povos. Conhecer a história desses cristianismos se torna fundamental para compreendermos a história do cristianismo como um todo, analisando-o globalmente, e não a partir de uma única ótica, a Ocidental.

Referências Bibliográficas:

BERG, H. M.-v.d. **Syriac Christianity**. In: PARRY, Ken. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2007.

- CORTÁZAR, J. A. G. de; MUÑOZ, J. A. S. **Manual de História Medieval**. Madrid: Alianza Editorial, 2014.
- IRVIN, D.; SUNQUIST, S. **História do movimento cristão mundial**. V. 1: do cristianismo primitivo a 1453. São Paulo: Paulus, 2004.
- KÖTTING, B. **Igreja e Estado**. In: KAUFMANN, T; et alli (org). **História Ecumênica da Igreja**. Dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Loyola, 2012.
- LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- MOFFET, S. H. **A History of Christianity in Asia**. Volume 1: beginnings to 1500. Maryknoll, New York: Orbis Books, 1998.
- JENKINS, P. **A Próxima Cristandade**: a chegada do cristianismo global. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **The Lost History of Christianity**: The thousand-year Golden age of the Church in the Middle East, Africa, and Asia – and how it died. New York: HarperCollins Publishers, 2008.
- _____. **Guerras Santas**: como 4 patriarcas, 3 rainhas e 2 imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos 1500 anos. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.
- PELIKAN, J. **A tradição Cristã**: uma história do desenvolvimento da doutrina. O surgimento da tradição católica 100-600. Vol. 1. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.
- _____. **A tradição Cristã**: uma história do desenvolvimento da doutrina. O espírito do Cristianismo Oriental 600-1700. Vol. 2. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.
- PERRONE, L. **De Nicéia (325) a Calcedônia (451)**. Os quatro primeiros concílios ecumênicos: instituições, doutrinas, processos de recepção. In: ALBERIGO, G. (org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.
- SYNEK, E. **Oriental Orthodox**: Syriac Hagiography. In: PARRY, KEN. (org.). **The Blackwell companion to Eastern Christianity**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2007.